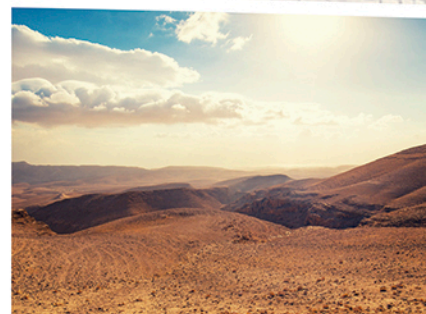


SÉRIE  
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

# ECCLESIASTES e CÂNTICO DOS CÂNTICOS



Edward M. Curtis

# Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário Expositivo</i> ..... ix	Considerações adicionais ..... 42 <i>Justiça depois da morte   A dignidade do ser humano</i>
Introdução à <i>Série Comentário Expositivo</i> ..... xi	Eclesiastes 4.4-16 ..... 44 <i>Como atingir o equilíbrio que reflete a ordem divina</i>
Nota dos editores ..... xii	Eclesiastes 5.1-9 ..... 51 <i>Sabedoria e decoro no relacionamento com Deus</i>
Reduções gráficas (abreviações e siglas) ..... xiii	Eclesiastes 5.10—6.9 ..... 57 <i>A insensatez da ganância: esteja satisfeito com o que Deus lhe dá</i>
Introdução a Eclesiastes ..... 1	Considerações adicionais ..... 63 <i>O mistério e a complexidade da vida debaixo do sol</i>
Eclesiastes 1.1-11 ..... 8 <i>É possível a vida ter sentido onde tudo é hebel?</i>	Eclesiastes 6.10—7.14 ..... 65 <i>A incapacidade humana de saber o que é bom</i>
Eclesiastes 1.12—2.11 ..... 15 <i>A vã busca de sentido do Qobeleth em um mundo onde tudo é hebel</i>	Considerações adicionais ..... 72 <i>Como lidar com as tensões da vida</i>
Eclesiastes 2.12-26 ..... 21 <i>Aproveite a vida, apesar de suas dificuldades e da realidade de que todos morreremos</i>	Eclesiastes 7.15-29 ..... 74 <i>A afirmação dos limites humanos e o temor a Deus</i>
Eclesiastes 3.1-15 ..... 28 <i>Tudo é belo a seu tempo, mas não podemos compreender a obra e o tempo de Deus</i>	Considerações adicionais ..... 81 <i>Sabedoria e gênero   O esquema das coisas</i>
Considerações adicionais ..... 34 <i>A providência divina e os limites da compreensão humana</i>	Eclesiastes 8.1-17 ..... 83 <i>O poder da sabedoria e da insensatez</i>
Eclesiastes 3.16—4.3 ..... 36 <i>Tensão entre as experiências da vida e as declarações da fé</i>	

Eclesiastes 9.1-18 .....	90	Cântico dos Cânticos 3.6—5.1 .....	143
<i>Vivemos com dificuldades e incertezas, depois morremos</i>		<i>Como você é linda, meu amor: prazer e consumação</i>	
Considerações adicionais .....	97	Considerações adicionais .....	149
<i>Justiça na vida e na vida depois da morte</i>		<i>Descrição de um casamento   Além da beleza física</i>	
Eclesiastes 10.1-20.....	99	Cântico dos Cânticos 5.2—6.3 .....	151
<i>Abrace a sabedoria diante da insensatez e das incertezas da vida</i>		<i>O que há de tão especial na pessoa amada?</i>	
Eclesiastes 11.1—12.8 .....	106	Cântico dos Cânticos 6.4—7.13 .....	157
<i>Corra riscos com sabedoria, lembre-se de Deus e aproveite a vida enquanto puder</i>		<i>As delícias maravilhosas do amor</i>	
Considerações adicionais .....	112	Considerações adicionais .....	163
<i>Um poema sobre a morte</i>		<i>Relacionamentos que refletem a ordem de Yahweh   Para além do Cântico dos Cânticos</i>	
Eclesiastes 12.9-14.....	114	Cântico dos Cânticos 8.1-14.....	165
<i>Conclusão: tema a Deus e guarde seus mandamentos</i>		<i>O poder maravilhoso do amor</i>	
Introdução a Cântico dos Cânticos.....	121	Considerações adicionais .....	171
Cântico dos Cânticos 1.1—2.7.....	128	<i>O amor e as escolhas que fazemos</i>	
<i>Paixão, louvor e prazer</i>		Notas.....	173
Cântico dos Cânticos 2.8—3.5 .....	135	Bibliografia.....	181
<i>Meu amado é meu, e eu sou dele</i>		Créditos das imagens .....	187
Considerações adicionais .....	141	Índice de assuntos.....	189
<i>Limites como parte da ordem divina</i>			

# Seja bem-vindo à

## *Série Comentário Expositivo*

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta que fizemos quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As abordagens sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em análises técnicas, os pastores muitas vezes lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento

hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário que empregue o que há de melhor no que diz respeito à pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido com o propósito de disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em torno de seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira quanto de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se dedicam a preparações semanais, com o auxílio desta obra, vão saber que estão lendo aproximadamente a mesma quantidade de texto a cada semana.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem

e uma lista de seus temas principais. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar abordagens mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Nos tempos atuais, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto

na seção “Para entender o texto”, cada unidade traz as seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, sua Palavra “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os organizadores

# Introdução à

## *Série Comentário Expositivo*

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade:

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Temas principais*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
  - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa

no desdobramento do texto ao seu redor, inclusive no tocante à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica

cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os temas principais e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Temas principais”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui, o comentário sugere ilustrações úteis

em áreas como literatura, entretenimento, história, biografia, vida cotidiana, medicina e mais de quarenta outras categorias presentes na cultura. O propósito é oferecer ideias gerais para despertar a criatividade de pregadores e professores e ajudá-los na preparação de ilustrações para uma exposição mais vívida da mensagem e seus temas principais.

## Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para reduzir a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

# Reduções gráficas (abreviações e siglas)

## Antigo Testamento

---

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias

Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

## Novo Testamento

---

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro

1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

### Gerais

---

c.	cerca de, por volta de
cf.	conferir
cap(s).	capítulo(s)
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
p. ex.	por exemplo
hb.	hebraico
l.	linhas
lit.	literalmente
n.	nascido
v.	versículo(s)

ZIBBCOT  
 John H. Walton, org.  
*Zondervan illustrated Bible  
 backgrounds commentary:  
 Old Testament. 5 vols.* Grand  
 Rapids: Zondervan, 2009.

### Versões contemporâneas

---

ASV	American Standard Version
ESV	English Standard Version
KJV	King James Version
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NIV	New International Version
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version

# Introdução a Eclesiastes

## O Qoheleth e os dilemas da vida: uma perspectiva bíblica mais ampla

O Qoheleth (nome hebraico do mestre a quem se atribui o material deste livro; veja o comentário sobre Ec 1.1), ou “mestre” (NIV), ou “pregador” (ARA), descreve um mundo imperfeito onde as coisas muitas vezes não funcionam como aparentemente deveriam funcionar. Ao que tudo indica, é um mundo caracterizado por aleatoriedade e arbitrariedade, repleto de coisas que não podemos compreender ou controlar. Há desigualdades de todo tipo: às vezes, as pessoas trabalham com afinco, mas não conseguem desfrutar o fruto de seu esforço, enquanto outras que pouco fizeram de útil desfrutam os prazeres da vida. Nosso conhecimento dos padrões que constituem a sabedoria é sempre parcial, e tentar descobrir como o mundo funciona de um modo mais abrangente sempre terminará em fracasso. Para o Qoheleth, são assim as realidades da vida debaixo do sol. Há injustiça e abuso de poder, a possibilidade de sucesso não é distribuída igualmente entre os indivíduos, e as pessoas terão de

enfrentar circunstâncias difíceis mesmo que pareçam fazer tudo do jeito certo.

As observações do Qoheleth nos levam a pensar de que maneira deveríamos viver à luz dessas realidades. É óbvio que ele considera importante admitir as realidades

O Qoheleth adverte que poder e conquistas pessoais não trarão realização plena. Contudo, os inúmeros monumentos, estelas e esculturas erigidas pelos soberanos do mundo antigo destacam a sedução desses objetivos. Essa estela do rei Adad-Nirari III, da Assíria (810-783 a.C.), descreve suas campanhas militares na Palestina. Lê-se no final da inscrição: “Na época, mandei fazer uma imagem de minha pessoa real. Nela inscrevi o poder de minha força e os atos de minhas mãos”.



da vida e não nos induz a esperar uma vida isenta de dificuldades e problemas. Ao mesmo tempo, ele não conclui que essas realidades perturbadoras justificam uma atitude de alienação, mas nos diz que devemos ser diligentes e proativos. Os muitos provérbios do livro enfatizam a importância de viver sabiamente e de rejeitar a vereda da insensatez. O Qoheleth enfatiza a importância de uma vida equilibrada e incentiva o desenvolvimento de relações interpessoais significativas. Ele também adverte das tentativas de encontrar sentido e realização no dinheiro, no poder ou no sucesso pessoal. Embora o Qoheleth reconheça que há desigualdade nas oportunidades disponíveis às pessoas, ele afirma a importância de aproveitar a vida e admite que as oportunidades de prazer e diversão estão presentes mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

A maior parte das pessoas hoje admitiria que o mundo em que vivemos hoje é imperfeito e caracterizado por aleatoriedade e caos, e muitos diriam que a vida que experimentamos é tudo o que há. Não há vida depois da morte a que alguém possa se agarrar em busca de esperança; não há uma esfera sobrenatural ou espiritual, e o que nos cabe como seres humanos é tirar o melhor proveito possível da vida neste mundo. A vida não tem sentido além daquilo que escolhemos para nós mesmos. Essas pessoas concordariam com boa parte dos conselhos pragmáticos do Qoheleth, mas, no fim das contas, chegariam à conclusão de que somos obrigados a concordar com Macbeth:

A vida é nada mais do que uma sombra  
ambulante, um pobre cômico  
que sacode e se agita no palco,  
e depois não se ouve dele; é  
uma história

contada por tolos, cheia de fúria  
e muita barulheira,  
que nada significa. (ato 5, cena 5)

Perceber essas realidades leva muitos à resignação e ao desespero, enquanto outros encontram alguma satisfação e realização numa vida útil e produtiva, em relacionamentos saudáveis e em ajudar os outros.

A cosmovisão que observamos em *Eclesiastes* é muito diferente daquela que vemos na cultura secular moderna. O Qoheleth abraça uma visão presente em todo o Antigo Testamento.<sup>2</sup> Ele afirma a existência de Deus e reconhece que a providência divina está em ação no mundo e na história, embora muitas vezes de maneiras que não compreendemos plenamente. Contudo, o fato de que Deus está em ação não muda a maneira que o Qoheleth (ou qualquer outra pessoa) vivência o mundo. Assim, diante da aparente aleatoriedade e da natureza caótica da experiência humana, a que conclusão chegamos? É possível que a providência divina esteja, de algum modo, por trás de todos os efeitos que observamos, até mesmo das anomalias e injustiças? De que maneira isso se relaciona com nossa compreensão de quem Deus é e de como ele opera no mundo?

Para os que têm convicção de que Deus é parte de uma realidade mais ampla e que sua providência tem um papel ativo nos assuntos humanos, as questões que o Qoheleth levanta merecem atenção. Como pode Deus ser todo-poderoso, justo e bom se a vida é do jeito que é? Alguns tentam resolver o problema redefinindo a natureza de Deus e chegam à conclusão de que o Deus que governa o mundo não pode ser o Deus amoroso e compassivo descrito

em tantas partes da Escritura. Um Deus todo-poderoso que administra o tipo de mundo em que vivemos só pode ser um tirano volúvel e injusto. Outros, como o rabino Harold Kushner, alegam que, embora Deus seja bom e misericordioso, o governo moral do universo é uma tarefa tão imensa que ele não consegue tratar de todos os assuntos que surgem, e há coisas que acabam escapando. Depois de refletir durante anos sobre a trágica enfermidade e morte de seu filho, o rabino Kushner disse: “Creio em Deus. No entanto, não creio nele do mesmo jeito que cria anos atrás [...] Reconheço suas limitações. Ele é limitado no que pode fazer pelas leis da natureza, pela evolução da natureza humana e pela liberdade moral do ser humano”.<sup>3</sup> Em seguida, Kushner afirma que, apesar dessa descoberta, devemos continuar amando Deus e o perdoadando. Se pudermos fazê-lo, diz ele, será possível “viver plenamente, com coragem e de modo significativo neste mundo menos que perfeito”.<sup>4</sup> A Escritura, porém, declara que Yahweh é o Senhor soberano e todo-poderoso que criou e que sustenta todas as coisas. Afirma ainda que ele é compassivo, bom e justo. A dificuldade da teologia cristã tem sido compreender como essas coisas podem ser verdade tendo em vista realidades que fazem parte da experiência comum dos que vivem no mundo.<sup>5</sup> São essas as perguntas para as quais o Qoheleth chama a atenção, ainda que, de

modo geral, não dê a seus leitores respostas claras e explícitas.

Para o cristão, a imperfeição do mundo é consequência da desobediência humana no Jardim do Éden, e parece claro que o Qoheleth descreve um mundo caído. O trabalho árduo e o esforço que ele descreve podem ser entendidos como consequências do juízo sobre o ser humano que se rebelou contra Deus. Os limites da compreensão humana, decorrentes de sua finitude, são reduzidos ainda mais por causa da Queda.

Eclesiastes não lida diretamente com a razão para a vida ser cheia de dificuldades e de trabalho árduo, embora o Qoheleth não discorde de que esses são consequências da Queda. Adão e Eva tentam se esconder com folhas de figueira depois de sucumbir à tentação nesse relevo do sarcófago de Junius Bassus (359 d.C.).



A rebelião humana e a recusa de viver de acordo com a Lei de Deus podem ser entendidas como elementos que contribuem para o caos que caracteriza a vida debaixo do sol. Embora esses conceitos expliquem parte da incongruência entre o que vemos e o jeito que as coisas deveriam ser, o Qoheleth só alude a esses conceitos teológicos de maneira indireta.

Um ponto crucial com que toda pessoa de fé deve lidar é a tensão entre as muitas declarações teológicas inequívocas da Escritura sobre a natureza de Deus e as experiências de vida que parecem contradizê-las. O Qoheleth não foi a única pessoa de Israel que lidou com esse tipo de desafio. Walter Brueggemann observa um padrão de orientação-desorientação-reorientação nos salmos.<sup>6</sup> As pessoas tendem a ver o mundo de modo a enxergar nele ordem, bondade e segurança. Às vezes, porém, experiências difíceis nos confundem e colocam em xeque essa compreensão do mundo. Tragédias pessoais, ameaças ou desastres que impactam uma comunidade ou nação levam as pessoas a questionar a cosmovisão que haviam abraçado quando as coisas estavam bem. Essas circunstâncias as obrigam a lidar com a dissonância entre a maneira que achavam que as coisas fossem e as novas realidades que parecem incongruentes com a antiga cosmovisão. Da tensão criada por essas experiências, as pessoas chegam a uma reorientação que integra a compreensão anterior à nova experiência. Diferentemente da maioria dos exemplos bíblicos, em que uma crise pessoal ou coletiva é o catalisador que leva à mudança de cosmovisão, o foco mais amplo do Qoheleth são as realidades da vida que entram em conflito com o que provavelmente já foi a orientação

típica de muitos israelitas. Ele parece determinado a desafiar seus leitores e obrigá-los a se esforçarem para alcançar novas compreensões que condigam com as realidades que observa no mundo.

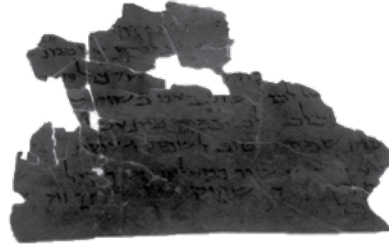
O Qoheleth levanta perguntas e nos desafia de maneira que aumenta a confusão e o conflito, mas normalmente não as responde para nós. Alguém poderia concluir das evidências apresentadas pelo Qoheleth que devemos abraçar a posição agnóstica de que é impossível tirar conclusões definitivas sobre Deus ou sobre o sentido da vida. É óbvio que muitas das perguntas do Qoheleth não podem ser respondidas com base nas experiências da vida; caso tenham resposta, esta terá de vir de alguma fonte externa. Para Israel, essa fonte externa era a autorrevelação de Deus a seu povo por meio dos profetas e de suas obras na criação e na história. É provável que as respostas do Qoheleth tragam consigo essa revelação, uma vez que ele nos diz para temermos a Deus e guardar seus mandamentos (12.13). Contudo, como viver pela fé na revelação divina de formas coerentes com a realidade? Obviamente, uma fé ingênua que contrarie a realidade não é sinônimo de sabedoria, mas como equilibrar as duas coisas?

Gerhard von Rad identifica um aspecto da resposta em seu comentário sobre Provérbios 21.30-31. Esse texto reconhece que os resultados dependem, no fim das contas, não da habilidade e da decisão humanas, mas da supervisão providencial de Deus. Von Rad traduz da seguinte forma os versículos citados: “Não há sabedoria, não há entendimento, não há conselho algum que contrarie Yahweh; o cavalo é preparado para o dia da batalha, mas a vitória pertence a Yahweh”. Ele percebe que a ideia

central do provérbio não é desencorajar o zelo e o planejamento.

Se tirássemos [esse provérbio] de seu contexto, seria possível identificar nele até mesmo a expressão de um agnosticismo radical e teológico. Contudo, essa seria uma compreensão totalmente equivocada. Seu objetivo, na verdade, é pôr um ponto final no conceito errôneo de que o sucesso depende apenas de praticar a sabedoria humana e fazer preparativos. O homem deve se manter sempre aberto à atividade divina, uma atividade que extrapola completamente a todo cálculo, porque entre praticar a sabedoria mais confiável e aquilo que realmente acontece, há sempre um grande desconhecido. Será essa uma doutrina perigosa? Poderíamos perguntar se não há, em consequência desse grande fator desconhecido, um véu de resignação que se estenda sobre todo conhecimento e toda ação humana? Essa pergunta só pode ser respondida pelo grau de confiança que o homem é capaz de colocar nessa atividade divina que sobrepassa todo planejamento. A expressão dupla de Provérbios 21.30ss pode ter um efeito consolador; no entanto, com pressupostos religiosos diferentes, seu efeito seria provavelmente desolador.<sup>7</sup>

O mesmo pode ser dito a respeito de Eclesiastes. A forma que se compreende o livro depende do contexto em que ele é situado. Se estiver isolado do contexto bíblico mais amplo, sua mensagem poderá ser compreendida de um modo profundamente negativo; se estiver situado no contexto da compreensão religiosa mais ampla de Israel, sua mensagem será encorajadora e positiva. O impacto do livro sobre a pessoa dependerá em grande medida de sua capacidade de crer no favor de Yahweh. À luz do que o Qoheleth destaca sobre a vida, como



Fragmentos de Eclesiastes nos Manuscritos do Mar Morto, manuscrito 4Q109.

alguém poderá ter certeza do favor de Deus ou confiar em seu amor leal? A resposta que permeia todo o Antigo Testamento é que sabemos quem Deus é e como ele opera, porque ele se revelou a seu povo. Mesmo em meio às injustiças e ao caos da vida, ainda é possível encontrar sinais de sua bondade e justiça. O autor do salmo 42 descreve as dificuldades que enfrenta como as “ondas e vagas” de Deus (v. 7). John Goldingay diz a respeito desse versículo:

À primeira vista, a ideia de que Deus está por trás dos problemas que nos sobrevêm é uma doutrina assustadora: que tipo de Deus é esse cujo propósito traz consigo tanta aflição? A alternativa, porém — um Deus cujo propósito é sempre frustrado pelo mal — é ainda mais assustadora. Melhor um Deus cujo mistério não podemos compreender (mas que nos deu razões para crer quando não compreendemos) do que um Deus cuja suficiência não é confiável ou cujo interesse é incerto.<sup>8</sup>

Em todo o Antigo Testamento, o povo de Deus é incentivado a refletir sobre quem Deus é, a estudar suas obras

na criação e na história e a meditar na verdade que revelou sobre si mesmo. Deve também examinar cuidadosamente o mundo em busca de exemplos de seu amor leal. Essas atividades conservam diante do povo de Deus algumas dessas “razões para confiar”. O Qoheleth não menciona nenhuma dessas coisas, portanto, se seus leitores tiverem de explicar a mensagem e a aplicação de Eclesiastes, as ideias terão de vir de fora do livro. Fazê-lo, porém, parece legítimo dado o lugar do livro no cânon da Escritura.

Nosso conhecimento de Deus determinará se é possível vivermos neste mundo caído com esperança e expectativas ou se deveríamos nos resignar a uma vida de medo e frustração. O Qoheleth deixa claro que a vida raramente dá evidências claras de que Deus está no controle, ou de que se importa, ou de que sua administração dos assuntos humanos é caridosa, justa e benévola. Esse conhecimento deve vir da autorrevelação de Deus e ser acolhido pela fé. Pode ser confirmado pela experiência de quem vive no temor do Senhor, experimenta sua providência e graça e cresce em intimidade em seu relacionamento com Deus. Conforme o restante da revelação bíblica deixa claro, esse conhecimento, orientado pela Escritura, é capaz de penetrar nas profundezas da alma e dar à pessoa uma base de esperança e de confiança em um mundo caracterizado pelas incertezas, injustiças e dilemas sem solução identificadas por esse sábio do Antigo Testamento.

Há duas outras observações importantes sobre esse livro. A primeira delas diz respeito a sua falta de estrutura e ao hábito do autor de apresentar ideias que conflitam com outras dentro do próprio livro. A ausência de uma estrutura linear provavelmente está relacionada

ao propósito e à pedagogia do autor. Conforme observou Craig Bartholomew, Eclesiastes “conclama o leitor a participar da jornada do Qoheleth e a se juntar ao diálogo por ele deflagrado”. O leitor deve “sentir a agonia da jornada do Qoheleth”,<sup>9</sup> e jornadas assim quase nunca são caracterizadas por uma lógica linear e uma estrutura clara. A estratégia do Qoheleth diz respeito ao propósito da sabedoria, que é o de desenvolver habilidades para a vida. Essas habilidades não resultam apenas de receber informações corretas de instrutores capacitados. O método do Qoheleth parece ter em vista provocar o tipo de dissonância que contribui para o desenvolvimento de habilidades de vida conforme a ordem de Yahweh.

A segunda observação é sobre um tema de grande importância em Eclesiastes. O Qoheleth se apresenta como alguém que realizou muito mais coisas do que a maioria de nós imagina e, no entanto, conclui de que é tudo vaidade e correr atrás do vento. A realização e a satisfação que ele havia desejado intuitivamente não estavam nessas realizações ou coisas, tampouco elas produziram a vantagem que ele esperava obter. O Qoheleth chega à conclusão de que a maneira adequada de viver consiste em temer o Senhor, e outras passagens bíblicas endossam que isso traz paz e bem-estar. Eclesiastes nos adverte da insensatez de buscar satisfação e realização definitivas em outras coisas além do próprio Deus. O Qoheleth nos encoraja a nos alegrarmos com nossa sorte na vida, mas adverte a não esperarmos que ela seja mais gratificante do que foi concebida para ser. Se compreendermos nossa labuta pelo que ela é, podemos e devemos desfrutá-la, em vez de nos frustrarmos com ela. John Walton diz:



O autor de Eclesiastes conclui que não há realização nas coisas. Mais tarde, Jesus reforçará essa ideia ao dizer que devemos acumular tesouros no céu, e não na terra. Essas jóias foram encontradas em um vaso de cerâmica enterrado por questões de segurança debaixo do piso de uma casa em Beth Shemesh e datam da Era do Bronze Final (séc. 13 a.C.).

De acordo com Eclesiastes, a trajetória da vida deve seguir centrada em Deus. Os prazeres que ela proporciona não são gratificantes por si mesmos e não podem oferecer satisfação duradoura, por isso devem ser desfrutados como dádivas de Deus. A vida oferece bons e maus momentos e não segue nenhum padrão como aquele proposto pelo princípio da retribuição. Tudo vem da mão de Deus (7.14). A adversidade pode não ser agradável, mas nos ajuda a nos tornarmos as pessoas de fé que devemos ser.<sup>10</sup>

O Novo Testamento e o ensino de Jesus desenvolvem muitas dessas questões e deixam claro que é possível viver de modo a obter um ganho que a morte

não destrói. Jesus disse: “Não ajunteis tesouros na terra, onde traça e ferrugem os consomem, e ladrões invadem e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem traça nem ferrugem os consomem, e os ladrões não invadem, nem roubam” (Mt 6.19-20, A21). Jesus também nos diz que o segredo para que isso aconteça está em uma vida de fé ou de confiante dependência de Deus e na obediência à sua verdade. Portanto, o Qoheleth direciona seus leitores ao caminho de uma vida centrada em Deus que a revelação plena do Novo Testamento dirá ser a vida como deveria ser. Ela promove a glória de Deus e abençoa quem vive pela fé. É também o segredo de um ganho que a morte não pode anular.